

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS
SUBSTANTIVAS EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO
MÉDIO

Aline Bianca dos Santos GOMES¹

Gabriela FARDIN²

Heloísa Rossanese MARQUES (*in memoriam*)³

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir o tratamento dispensado às orações substantivas em um livro didático com base na análise de seus exercícios e conteúdos. Em comparação com a abordagem sobre o tema em gramáticas descritivas do português, busca-se investigar a coerência do livro frente ao propósito de aprimorar a competência comunicativa do aluno. As análises revelam que o livro didático ainda é composto por conteúdos e exercícios que pouco contribuem com o desenvolvimento de habilidades comunicativas do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe funcional; orações substantivas; ensino de Língua Portuguesa; livro didático.

1. Introdução

Mesmo após décadas de pesquisas e avanços na escolha dos conteúdos para os materiais didáticos, incluindo a revisão de especialistas para a aprovação (ou reprovação) dos livros antes que eles possam ser utilizados como material de apoio durante as aulas, ainda é considerável o número de livros didáticos que, tanto na apresentação de conteúdos como na proposta de exercícios de fixação, adotam uma postura tradicional fortemente voltada ao simples reconhecimento de estruturas linguísticas e ao domínio de nomenclaturas gramaticais, em

¹Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, orientada pela Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa.

²Mestranda em Estudos Literários pelo programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, orientada pelo Prof. Dr. Peter James Harris.

³Licenciada em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

prejuízo de usos linguísticos comunicativamente eficazes. Assim, torna-se relevante discutir de que maneira o ensino de sintaxe no livro didático engloba o conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários, inclusive por documentos oficiais de orientações para o ensino de Língua Portuguesa.

O objetivo deste trabalho é, então, a partir da orientação teórica e das discussões realizadas na disciplina *Sintaxe Descritiva da Língua Portuguesa*¹, analisar a abordagem do livro didático no ensino das orações subordinadas substantivas, em comparação à abordagem de gramáticas descritivas do português sobre o mesmo tema, a fim de discutir a eficiência do livro didático em seu propósito de aprimorar o domínio comunicativo dos alunos, conforme propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa (PCNs).

O artigo está organizado da seguinte forma: além desta introdução, na **seção 2**, é apresentado o livro didático escolhido para análise, bem como as gramáticas descritivas consultadas; na **seção 3**, é feita uma análise comparativa entre os conteúdos das gramáticas descritivas e os do livro didático, focalizando a proposta de exercícios do livro didático; por fim, apresentam-se as **considerações finais** acerca das análises realizadas.

2. Apresentação do livro didático

O livro didático escolhido para análise, pertencente à coleção Português linguagens, de autoria de Cereja e Magalhães (2010), foi aprovado em 2014 pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), e é nacionalmente adotado por inúmeras escolas como material de apoio às aulas de Língua Portuguesa. ”

¹Disciplina que compõe a grade curricular do curso de Licenciatura em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/UNESP). O trabalho foi originalmente elaborado com a finalidade de cumprir parte das atividades de Prática como componente curricular da disciplina, que, em 2015, teve como docente responsável a Prof. Dra. Gisele Cássia de Sousa.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

Nosso objeto de análise, as *orações subordinadas substantivas*, é tratado no terceiro volume da coleção para o Ensino Médio¹ e se destina, desse modo, aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Nesse volume, além das orações substantivas, são abordadas também as orações adjetivas, as orações adverbiais, as orações coordenadas, além da pontuação, da concordância verbal e nominal, da regência verbal e nominal e, por fim, da colocação pronominal.

Neste artigo, trataremos especialmente do capítulo 3 do livro, que é intitulado *Língua: uso e reflexão* e recebe um subtítulo sobre o assunto tratado ao longo do capítulo: *Período composto por subordinação: as orações substantivas*. O livro adota uma mesma diagramação para todos seus capítulos, com seções que separam a teoria (conceitos) da prática (atividades). Os títulos das seções do livro são: *Construindo o conceito*, *Conceituando*, *Exercícios*, *As orações substantivas na construção do texto*, *Semântica e discurso*.

As gramáticas descritivas escolhidas para realização da análise foram a *Gramática de Usos do Português*, de autoria de Maria Helena de Moura Neves (2000), e a *Nova gramática do português brasileiro*, escrita por Ataliba Teixeira de Castilho (2010).

3. Análise comparativa entre o livro didático e as gramáticas

No livro didático, a primeira divisão do capítulo recebe o nome de *Construindo o conceito* e é iniciada com uma atividade (ao lado) para, desse modo, ativar o conhecimento prévio do aluno e introduzi-lo ao assunto que será tratado. Essa estratégia utilizada pelos autores é



Figura 11 – Charge. Fonte: Cereja;

¹ Para o Ensino Médio, há também uma versão da coleção em volume único.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO
DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

muito positiva, pois, se bem empregada pelo professor, pode gerar uma discussão prévia em sala de aula sobre o conteúdo em foco.

A atividade proposta pelo livro, nesse primeiro momento, é uma charge de Santiago em que uma senhora leva seu aparelho de televisão até um posto de gasolina e pede ao frentista que verifique o nível da televisão dela. O frentista, por sua vez, declara que o nível da televisão dela é baixíssimo.

Embora o título do capítulo sugira que o assunto nele tratado será o das subordinadas substantiva, nessa atividade não há uma discussão acerca do funcionamento da oração subordinada na construção do sentido do texto presente na charge. Assim, a simples utilização da charge parece indicar que gramática e contexto de uso estão sendo abordados de forma conjunta pelo livro didático. Sobre a charge, há três questões sugeridas pelo livro, conforme mostram as imagens a seguir:

1. Na fala da personagem feminina há duas orações, ligadas por meio da conjunção *que*.
- Esse período é composto por coordenação ou por subordinação?
 - Observe como separamos as orações desse período:

Eu queria | que o senhor verificasse o nível da minha televisão!

1ª oração

2ª oração

Sabendo que o verbo *querer* é transitivo direto e, portanto, exige um objeto direto como complemento, qual é, no período acima:

- a oração principal ?
- a oração subordinada?

2. Observe a correspondência se transformarmos o período composto em período simples:

Eu queria **isso.**
oração principal OD

Deduza: Qual a função sintática da oração *que o senhor verificasse o nível da minha televisão!?*

3. Para criar humor, o cartum trabalha com ambiguidade no discurso. Explique-a.

Figura 12 - Exercícios 1, 2 e 3. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 35-36)

Como é possível perceber com a leitura das atividades, o livro não propõe uma discussão sobre a importância da oração em questão na construção do sentido do texto, muito pelo contrário, tanto a breve explicação de conteúdo quanto as questões propostas focam essencialmente a estrutura gramatical da oração complexa e a separação de suas partes constitutivas.

No primeiro exercício, por exemplo, o livro já disponibiliza um quadro em destaque com a oração dividida, de tal modo que o aluno não precisa refletir sobre o texto e sobre o uso da oração para chegar à conclusão de como ela deveria ser separada, afinal, essa parte da atividade já está pronta. O que é pedido ao aluno, na verdade, reforça a ideia de que a memorização das estruturas é o que importa, pois, nesse exercício, o aluno precisa simplesmente transcrever a oração principal e a subordinada já segmentadas no item anterior.

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO
DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

O exercício 2 também segue o mesmo modelo: não faz o aluno pensar sobre o porquê de tal classificação (da oração principal) e, conseqüentemente, qual a razão para a substituição da oração subordinada pelo pronome demonstrativo *isso* ser aceita gramaticalmente.

A terceira questão, por sua vez, é a única atividade que aborda (ainda que de maneira superficial) o texto, no caso, a charge, perguntando sobre o humor presente nela. Nesse ponto, os autores poderiam ter explorado muito mais o aspecto textual-discursivo da charge, detalhando, por exemplo, características desse gênero e propondo questões mais reflexivas sobre sua composição textual. Esta parte do capítulo termina com a terceira questão e, como é possível notar, permite poucas reflexões sobre os diferentes usos das orações subordinadas substantivas, privilegiando apenas a parte estrutural de um tipo de oração subordinada substantiva, as objetivas diretas.

Após o exercício para levantamento de conhecimento prévio dos alunos, o livro didático traz a seção “Conceituando”, responsável por apresentar a teoria e os conceitos necessários para a compreensão da matéria. Para tanto, os autores resgatam o exercício anterior e fazem a seguinte afirmação:

Você deve ter observado que a oração *que o senhor verificasse o nível da minha televisão!* funciona como *objeto direto* do verbo *querer* da oração principal. Por isso recebe o nome de **oração objetiva direta**. Como equivale a um substantivo ou a um pronome substantivo, denomina-se **oração substantiva**. Além disso, a oração *que o senhor verificasse o nível da minha televisão!* mantém uma dependência sintática em relação à oração principal *eu queria*, porque é o objeto direto do verbo *querer*; por isso é denominada **oração subordinada**. (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 36).

Analisando o trecho acima, percebe-se que os autores explicam que a oração em questão denomina-se oração substantiva porque

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

equivale a um substantivo ou a um pronome substantivo; entretanto, os autores não deixam explícita essa equivalência, dificultando assim a compreensão do aluno. Neves (2000), por outro lado, afirma que as orações substantivas equivalem a um sintagma nominal, têm características de um elemento nominal e, em geral, apresentam correspondência com um **substantivo**, com o **sintagma** *fato de que*, o *fato de+verbo* e com um **infinitivo substantivado**. Para cada um desses itens, a autora apresenta exemplos e procura evidenciar a correspondência indicada por meio de paráfrase, facilitando assim o entendimento do leitor.

Assim como a gramática de Castilho (2010), mas de modo mais restrito, o livro didático explica brevemente a diferença de sentido entre as conjunções integrantes “que” e “se”, informando que “utilizamos *que* quando o verbo exprime uma certeza e *se* quando exprime uma incerteza” (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 36). A título de exemplificação, os autores usam as frases “Já sei que você não vai participar” e “Não sei se ele vai participar.” Na gramática de Castilho (2010), além de refletir sobre a diferença de sentido entre as conjunções integrantes, o autor esclarece que a conjunção condicional *se* e a conjunção asseverativa *que* derivam de um mesmo étimo latino, *si*. O autor comenta ainda que “quando fazemos uma pergunta indireta, pressupomos diferentes respostas como hipóteses, o que teria levado a escolher o mesmo vocábulo conectivo em ambas as sintaxes” (CASTILHO, 2010, p. 357). A inclusão desse tipo de explicação no livro didático poderia facilitar o entendimento da estrutura por parte do aluno, levando-o a refletir sobre o significado da forma.

Quanto à classificação das orações substantivas, Cereja e Magalhães (2010) são breves: anunciam que a oração substantiva pode desempenhar no período as mesmas funções que o substantivo pode exercer nas orações – sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal e aposto. As formas não-finitas das orações

substantivas não são citadas nesse primeiro momento - os autores as apresentam posteriormente, como formas secundárias. Em seguida, os autores usam apenas um exemplo para ilustrar cada uma das orações substantivas, o que parece insuficiente para a aprendizagem, já que cada tipo de oração pode ocorrer em variadas formas e contextos. Isto pode ocorrer devido ao fato de a matéria já ter sido estudada mais detalhadamente no ensino fundamental II, uma vez que, na seleção de objetos de ensino da área de língua materna, o Ensino Médio tem privilegiado uma revisão/repetição do que foi visto no Ensino Fundamental II (MENDONÇA, 2006).

Ao exemplificar as orações subordinadas substantivas subjetivas, Cereja e Magalhães adicionam a seguinte observação:

Certos verbos e certas expressões comumente têm por sujeito uma oração subordinada substantiva. São, entre outros:

- *acontecer, constar, cumprir, importar, urgir, ocorrer, parecer, suceder*, quando empregados na 3ª pessoa do singular;
- *sabe-se, conta-se, é sabido, ficou provado* (expressões na voz passiva);
- *é bom, é claro, parece certo, está visto* (expressões constituídas por um verbo de ligação acompanhado do predicativo). (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 37).

Nas gramáticas descritivas analisadas, tanto Neves (2000) quanto Castilho (2010) refletem sobre o significado dos verbos da sentença matriz, citando a matriz apresentacional e o sentido de factualidade das orações subjetivas. No entanto, é possível perceber que Cereja e Magalhães (2010), ao tratarem dos verbos e expressões que comumente têm por sujeito uma oração subordinada substantiva, dão uma lista de exemplos para os alunos sem refletir sobre o significado das orações matrizes, ficando então a cargo do professor fazer as considerações que julgar necessárias.

Após dar um exemplo para cada uma das orações subordinadas substantivas, o livro didático apresenta a primeira seção de exercícios, todos baseados na leitura de gêneros textuais distintos (no caso, uma tirinha, uma canção e um anúncio). Entretanto, todos os exercícios focalizam orações substantivas objetivas diretas, o que torna a aprendizagem do aluno uma tarefa mecânica, desenvolvida por repetição, em vez de por meio de reflexão. Além disso, os exercícios pouco colaboram para a compreensão do funcionamento da língua e para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos; a maioria consiste em exercícios de identificação e classificação das orações.

Neves (2000), ao tratar das orações substantivas objetivas diretas, ressalta os tipos de verbos que se constroem com esse tipo de oração (verbos de elocução, de atividade mental, avaliativos factivos, volitivos, verbos de percepção etc). Contudo, no livro didático analisado, nem a teoria, nem os exercícios sobre as orações objetivas diretas chamam a atenção do aluno para o significado desses verbos, e não propõem nenhum tipo de reflexão sobre o uso dessas orações.

Os primeiros exercícios do livro didático, por exemplo, sugerem a leitura de uma tirinha para que em seguida os alunos respondam a duas questões. O primeiro exercício pede para que o aluno identifique e classifique a oração subordinada substantiva, enquanto o segundo é um exercício de interpretação de texto. Em nenhum dos exercícios há uma preocupação com a compreensão do funcionamento da linguagem e, conseqüentemente, não auxiliam o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes. Ademais, como o exercício de interpretação de texto não tem relação com o funcionamento ou sentido da oração subordinada substantiva, sua função seria apenas “contextualizar” o ensino da gramática tradicional. Seguem abaixo os exercícios citados:

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

Leia a tira a seguir, de Fernando Gonsales, e responda às questões 1 e 2.



(Niquel Náusea – Nem tudo que balança cai. São Paulo: Devir, 2003. p. 12.)

1. No 1º quadrinho da tira, na fala do beija-flor, há uma oração subordinada substantiva. Identifique-a e classifique-a.
2. O humor da tira é construído a partir da quebra de expectativa provocada pela resposta negativa do ratinho.
 - a) Qual era a expectativa do beija-flor ao fazer a pergunta ao ratinho?
 - b) Por que o beija-flor é quem sai surpreendido nessa conversa?

Figura 13 – Tirinha e exercícios. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 38)

Os últimos exercícios da seção, exercícios 8 e 9, têm por base a leitura de um anúncio (ver anexo 1). O exercício oito informa que, na parte superior do anúncio, há uma oração subordinada substantiva, e pede para que o aluno identifique a oração principal e classifique a subordinada. Novamente, o aluno não tem a oportunidade de refletir sobre a construção, uma vez que Cereja e Magalhães (2010) localizam a oração subordinada para o aluno e, como todos os exercícios anteriores eram sobre objetivas diretas, mesmo que o aluno não entenda por que, ele saberá que se trata de uma objetiva direta por conta de sua forma – a mesma em todos os exercícios propostos. Segue abaixo a apresentação dos exercícios 8 e 9:

8. Há, na parte superior do anúncio, uma oração subordinada substantiva. Identifique a oração principal e classifique a subordinada.
9. Observe as imagens que fazem parte do anúncio e relacione-as ao enunciado verbal. Que recursos o anunciante utiliza para promover o seu produto?

Figura 4 - Exercícios 8 e 9. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 39)

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

O exercício nove, voltado à interpretação do texto, pergunta quais recursos o anunciante utiliza para promover seu produto; ou seja, mais uma vez o exercício de interpretação de texto não funciona a favor do funcionamento ou sentido da oração subordinada substantiva, sendo necessário apenas o aluno relacionar o enunciado e as imagens - novamente então o texto serve como pretexto para o ensino de gramática. Conforme considera Mendonça (2006), analisar o uso de determinada palavra ou expressão em um texto só tem sentido se essa tarefa trazer alguma contribuição à compreensão do funcionamento da linguagem, auxiliando assim a formação ampla dos falantes. A autora afirma ainda que

com a análise linguística, no lugar da classificação e da identificação, ganha espaço a reflexão. A partir de atividades linguísticas (leitura/escuta e produção oral e escrita) e epilinguísticas (comparar, transformar, reinventar, enfim refletir sobre construções e estratégias linguísticas e discursivas), que familiarizam o aluno com os fatos da língua, este pode chegar às atividades metalinguísticas, quando a reflexão é voltada para a descrição, categorização e sistematização dos conhecimentos, utilizando-se nomenclaturas. (MENDONÇA, 2006, p. 208).

Em sequência à primeira seção de exercícios, o livro didático *Português linguagens: volume 3* apresenta, como exemplo de orações substantivas reduzidas, um cartum (anexo 2).

A primeira oração do primeiro quadrinho do cartum é uma oração subordinada substantiva objetiva direta (“Imagine todos os povos vivendo em paz”). Esta oração é utilizada para explicar, por meio da comparação com “Imagine se todos os povos vivessem em paz”, o funcionamento das orações subordinadas desenvolvidas e das orações reduzidas por infinitivo ou gerúndio (anexo 3). No entanto, a forma com

que essa explicação é feita é praticamente automática, usando-se de exemplos pontuais para que os alunos “transformem” as orações.

Após as explicações, há uma bateria de exercícios que consiste em comparações, basicamente, como no exemplo dado. Esta forma de exercício não deixa o aprendizado fluir, pois os alunos não conseguem pensar em exemplos diferentes dos oferecidos no livro nem em outras formas de “transformação” das orações.

Castilho (2010), durante suas explicações sobre orações subordinadas substantivas, também se utiliza de comparações para demonstração do uso de gerúndios e infinitivo, no caso das reduzidas, e de conjunções, no caso das desenvolvidas. Entretanto, Castilho (2010) trabalha no mesmo exemplo para, além de explicar as diferenças, propor a reflexão sobre os conectivos utilizados nas orações desenvolvidas (no caso dos exemplos, *que* e *se*), para que o leitor entenda a origem das conjunções e a aplicação destas no uso da língua. Aqui novamente nos deparamos com explicações sobre os conectivos de origem latina que deram origem a *que* e *se*.

A explicação do assunto no livro didático é feita de forma quase expressa, explanando apenas em poucas palavras um assunto tão complexo. Avançando para os exercícios, temos outras formas de enunciados, como os que pedem para que o aluno substitua verbos por substantivos a fim de transformar a oração desenvolvida em uma oração substantiva reduzida, que, apesar de serem outra forma de exercício, pedem praticamente a mesma coisa que os anteriores, exigindo, assim, baixo nível de reflexão sobre o próprio aprendizado, uma vez que o aluno está “aprendendo” mecanicamente.

Ao pensarmos no viés pedagógico, percebemos que os exercícios propostos pelo livro didático analisado têm pouco aproveitamento, visto que não é ensinado em um contexto completo, mas sim em enunciados soltos e até aleatórios. Mendonça (2006) comenta esta característica de alguns livros didáticos, ressaltando que o estudo das

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO
DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

frases e períodos (e, por conseguinte, das orações) é feito muitas vezes de forma “solta”, sem um contexto definido. Nas palavras da autora:

Na verdade, a afirmação de que se trabalha com a gramática “contextualizada” oculta, muitas vezes, o fato de que essa contextualização se refere normalmente à retirada de frases e períodos de um texto, sem qualquer referência ao funcionamento do fenômeno gramatical em estudo na produção de sentido dos discursos. Em outras palavras, o texto é pretexto para ensinar gramática, tal e qual já se vinha fazendo. (MENDONÇA, 2006, p. 222.)

Desta forma, podemos perceber que, embora o livro didático use o mesmo método que a gramática de Castilho (2010), não é rico em material o suficiente para garantir uma explicação completa e satisfatória sobre a sintaxe. O livro *Português Linguagens: volume 3* traz exercícios que não condizem com um aprendizado real do assunto, apenas reprodução automática e mecânica de modelos já apresentados, deixando, assim, uma falha na transmissão do conteúdo. Na contramão, Castilho (2010) propõe reflexão sobre o assunto, mesmo que partindo do mesmo ponto de explicação (a comparação entre orações). Quando Castilho (2010) contextualiza as sentenças em suas propriedades lexicais, semânticas e gramaticais, podemos perceber que o conteúdo é mais bem detalhado, deixando assim pouco espaço para dúvidas e falhas de ensino e aprendizado em aula. O livro didático deixa a desejar, então, justamente neste ponto: as explicações para cada tipo de oração apresentada são rasas e com várias aberturas para deficiências no que diz respeito ao ensino de sintaxe.

A penúltima seção do capítulo, *As orações substantivas na construção do texto*, consiste em mais alguns exercícios baseados na leitura de textos – dessa vez na leitura do “Poema da necessidade”, de Carlos Drummond de Andrade:

Poema da Necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar António,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbedo,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar o FIM DO MUNDO.

(*Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record. Graña Drummond -
www.carlosdrummond.com.br)

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO
DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

Um dos exercícios dessa seção lembra ao aluno que as orações substantivas têm esse nome porque equivalem a um substantivo e mostra essa equivalência em relação ao 1º verso da 2ª estrofe. Em seguida, o exercício pede para que o aluno transforme todas as orações reduzidas de infinitivo do poema em orações simples, “substituindo as orações substantivas por substantivos correspondentes”:

2. Como você sabe, as orações substantivas têm esse nome porque equivalem a um substantivo. Veja essa equivalência em relação ao 1º verso da 2ª estrofe:

É preciso *salvar o país*. → É preciso o *salvamento do país*.

Faça o mesmo em relação aos demais versos da 2ª estrofe, ou seja, substitua as orações substantivas por substantivos correspondentes.

Figura 5 - Exercício 2. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 43)

Esse tipo de exercício, apesar de evidenciar a equivalência das orações substantivas com um substantivo, se torna muito mecânico e não foca nas orações reduzidas na construção do texto, isto é, o exercício proposto não faz o aluno refletir sobre as diferenças entre utilizar a oração reduzida de infinitivo ou a oração simples obtida pela nominalização do verbo infinitivo da oração subordinada. Além disso, Cereja e Magalhães (2010) não comentam que o paralelo com o período simples nem sempre é possível por certas restrições morfosintáticas impostas ao predicado subordinado (é preciso estar sempre bêbado; é preciso ter mãos pálidas), como também não refletem sobre o fato de as orações reduzidas poderem ocorrer ou não em nenhum dos outros exercícios propostos. De acordo com Sousa e Vendrame (2012),

Generalizações puramente estruturais nesse campo são difíceis, senão impossíveis, pela simples razão de que o formato que as estruturas assumem, nesse caso – ou que assume qualquer estrutura gramatical nas línguas naturais, como defendem algumas vertentes funcionalistas – é reflexo direto de propriedades semânticas, discursivo-pragmáticas e até

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

cognitivas, todas elas claramente negligenciadas na maioria das abordagens pedagógicas. (SOUSA; VENDRAME, 2012, p. 3692)

Por fim, na última seção do capítulo, *Semântica e Discurso*, Cereja e Magalhães (2010), propõem um exercício que procura confrontar o valor semântico das conjunções integrantes *que* e *se* a partir da análise de um trecho da canção “Último desejo”, de Noel Rosa. O exercício se encontra ilustrado na figura 6, ao lado.

1. Leia os versos a seguir, da canção “Último desejo”, de Noel Rosa, confrontando o valor semântico das conjunções integrantes destacadas.

Se alguma pessoa amiga
Pedir *que* você lhe diga
Se você me quer ou não,
Diga *que* você me adora,
Que você lamenta e chora
A nossa separação...

Que diferença de sentido há entre elas nesse contexto?

Figura 6 – Exercício 1.
Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 43)

Percebe-se que esse exercício se torna relevante para o desenvolvimento das habilidades linguísticas do aluno a partir do momento em que não pede apenas para ele identificar e classificar as orações subordinadas, mas propõe reflexão sobre o valor semântico das conjunções integrantes e sobre os usos da língua em um determinado contexto.

Para um segundo exercício, os autores apresentam um quadro que explica o pronome oblíquo na função de sujeito e, logo após, o livro didático pede para que o aluno observe a classificação das seguintes orações:

2. Observe a classificação das orações neste período:

Ouvi que eles gritavam palavras de ordem.
or. principal or. subord. substantiva objetiva direta

Agora veja como fica a 2ª oração, transformada em reduzida:

Ouvi-os gritar palavras de ordem.

Figura 7 - Exercício 2. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 44)

O livro didático informa, então, que nesse caso não se emprega na variedade padrão a forma “Ouvi eles gritar palavras de ordem” e, em seguida, pede para que os alunos reescrevam uma série de períodos, adequando à variedade padrão as orações subordinadas substantivas reduzidas:

Repare que, nesse caso, não se emprega na variedade padrão a forma “Ouvi eles gritar palavras de ordem”.

Reescreva os períodos a seguir, adequando à variedade padrão as orações subordinadas substantivas reduzidas.

- a) Vi ela sussurrando algo no ouvido da amiga.
- b) Mandei eles sair da sala imediatamente.
- c) Desejamos ver ele jogando futebol profissionalmente.
- d) De madrugada, a mãe encontrou ele navegando na Internet.
- e) Deixe eu dormir até mais tarde, mãe.

Figura 8 - Exercício 2. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 44)

Apesar de repetitivo, o exercício proposto gera reflexão sobre os usos da língua; nesse caso, sobre o uso das subordinadas reduzidas, que ocorrem tanto na variedade padrão quanto na variedade não-padrão – variedade essa muitas vezes esquecida dentro da sala de aula. Desse modo, podemos afirmar que os exercícios estão em conformidade com o funcionalismo linguístico e com os PCN, que propõem como objetivo maior do ensino de língua portuguesa, como também enfatizam Oliveira e Cesário (2007), o desenvolvimento de competências necessárias a uma interação autônoma e participativa nas situações de interlocução, leitura e produção textual:

Trata-se da ênfase, de acordo com Halliday (1974), ao chamado ensino produtivo da língua, em que se privilegia o aprimoramento das habilidades no trato linguístico, preparando o aluno para o exercício pleno da cidadania, que passa,

necessariamente, pelo amplo domínio de sua expressão verbal, falada e escrita. (OLIVEIRA; CESÁRIO, 2007, p. 89-90)

Assim, conforme Oliveira e Cesário (2007), ensinar e aprender língua portuguesa no Brasil requerem sujeitos - professores e alunos - reorientados, redimensionados em face dessa nova perspectiva. Entretanto, para Mendonça (2006), as práticas de ensino de língua materna do Ensino fundamental II e do Ensino médio atualmente revelam uma mescla de perspectivas, uma vez que o jeito “tradicional” de ensinar gramática ainda está presente, ao mesmo tempo em que novas práticas também são encontradas.

Considerações finais

Após a leitura, reflexão e análise do conteúdo exposto pelo livro didático, assim como das gramáticas descritivas consultadas, torna-se evidente que, apesar da diferença do público-alvo de cada material, há uma deficiência do livro didático em apresentar e discutir os variados tipos de orações subordinadas substantivas, pois o livro foca, principalmente, um tipo de oração (*orações subordinadas substantivas objetivas diretas*), tanto nos exemplos, quanto nos exercícios e, ao fazê-los, há uma preocupação voltada apenas para a estrutura das orações. Ficam ausentes, assim, maiores explicações sobre os usos de cada tipo de oração, assim como sobre qual seria a necessidade ou intenção do falante ao se utilizar de determinada estrutura, o que torna o aprendizado um processo mecânico, portanto, pouco reflexivo.

É sempre esperado por educadores, autores e professores, que o livro didático seja utilizado somente como apoio durante as aulas, mas, ainda assim, nota-se uma explicação muito condensada, por assim dizer, dos conteúdos propostos e uma preocupação em evidenciar a forma das orações somente, o que pode dificultar o processo de aprendizado dos alunos na direção de aprimorar a sua competência comunicativa. Nesse sentido, de posse desse tipo de material didático, seria necessário um maior empenho por parte do professor, com

materiais extras conciliados ao uso do livro, a fim de oferecer uma melhor explicação do conteúdo, assim como para tornar o aprendizado uma oportunidade para o aluno conhecer mais os diferentes tipos de orações subordinadas substantivas no contexto real da língua e refletir sobre seus usos e influências na construção dos sentidos nos textos.

Agradecimentos

Agradecemos à nossa amiga Heloísa Rossanese Marques (*in memoriam*), que contribuiu para a elaboração da primeira versão deste trabalho, mas que, infelizmente, no período da versão final submetida à publicação, já não se encontrava mais entre nós. Sua colaboração foi de suma importância para o resultado deste trabalho.

GOMES, A. B. S.; FARDIN, G.; MARQUES, H. R. O tratamento das orações subordinadas substantivas em livro didático para o Ensino Médio. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 621-643, 2017.

SUBSTANTIVE SUBORDINATE CLAUSES IN A TEACHING BOOK FOR HIGH SCHOOL

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the treatment of substantive subordinate clauses in a textbook based on the analysis of their exercises and content. In comparison to the approach of the theme in descriptive grammars of Portuguese, it is sought to investigate the coherence of the textbook towards the purpose of improving the student's communicative competence. The analysis reveal that the textbook still consist of exercises that do not contribute much to the student's communicative skills.

KEYWORDS: Functional syntax; substantive clauses; Portuguese Language teaching; textbook.

Anexos

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

Leia o anúncio a seguir e responda às questões 8 e 9.

Você sabia que os dois têm a mesma quantidade de ZINCO*?

||

Ades tem os benefícios da soja mais zinco, que ajudam no crescimento e desenvolvimento.

Só Ades é soja e muito mais.

*1 vaso de espinafre (200g) contém a mesma quantidade de zinco que 200ml de Ades.
Os perfis nutricionais dos alimentos comparados são iguais apenas para zinco.
É recomendado que o consumo de Ades esteja associado a uma alimentação equilibrada e a hábitos de vida saudáveis.

Ogilvy

Anexo 1 - Anúncio. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 39)

Orações substantivas reduzidas

Leia este cartum, de Marcio Baraldi:



(Humor pela paz. São Caetano do Sul: Virgo, 2002. p. 100 -1.)

Anexo 2 – Cartum. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 40)

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

O TRATAMENTO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

O período que aparece no primeiro quadrinho do cartum poderia ter redação diferente. Observe:

Imagine se todos os povos vivessem em paz...

Compare as duas formas de redação e observe como se classificam as orações destacadas:

Imagine todos os povos vivendo em paz...
– or. subord. substantiva objetiva direta

Imagine se todos os povos vivessem em paz...
– or. subord. substantiva objetiva direta

Nos dois períodos, as orações destacadas são substantivas objetivas diretas, e ambas expressam a mesma ideia, apesar de apresentarem formas diferentes.

A oração substantiva *se todos os povos vivessem em paz* apresenta o verbo no modo subjuntivo e é introduzida por uma conjunção. Por isso, é uma **oração desenvolvida**.

Oração desenvolvida é aquela que apresenta o verbo no modo indicativo, subjuntivo ou imperativo e é introduzida por um conectivo (palavra de ligação).

A oração substantiva *todos os povos vivendo em paz* apresenta verbo no gerúndio e dispensa a conjunção. É, portanto, uma **oração reduzida**.

Oração reduzida é aquela que apresenta o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) e não precisa de conectivo.

Na língua portuguesa, há três tipos de orações subordinadas reduzidas: **de infinitivo**, **de gerúndio** e **de particípio**.

As orações subordinadas substantivas geralmente são reduzidas de infinitivo. Veja este exemplo:

Imagine não haver miséria, nem ganância ou fome...
or. subord. subst. objetiva direta reduzida de infinitivo



Anexo 3 - Orações desenvolvidas e orações reduzidas. Fonte: Cereja; Magalhães (2010, p. 40-41)

Referências bibliográficas:

BRASIL. *Guia de livros didáticos PNLD 2014: língua portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - Língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio (Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Linguagem, códigos e suas tecnologias)*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. Contexto, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português linguagens: volume 3*. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no Ensino Médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. *Linguagem & Ensino*. Pelotas, v.10, n.1, p. 87-108, jan./jun. 2007.

SOUSA, G. C.; VENDRAME, V. Uma abordagem discursivo-funcional das orações completivas em português e reflexões sobre o seu ensino. In: CESTERO MANCERA, A. M.; MARTOS, M.; ISABEL Y PAREDES GARCÍA, F. (eds). *La lengua, lugar de encuentro*. Actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012, p. 3689-3696.

